

METODOLOGIAS ATIVAS: PARA ALÉM DA INTERNET

Vânia Moreira da Silva¹; Isaina Moreira Barreto²

¹Colégio Estadual Elias de Araújo Rocha - Iporá (GO); professora supervisora do Pibid de História vania.moreira@ymail.com; ²CEPI Osório Raimundo de Lima - Iporá (GO, professora supervisora do Pibid de História isa.maedasanass@gmail.com

INTRODUÇÃO

O avanço das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC) trouxe novas possibilidades para o ensino, especialmente com a popularização das metodologias ativas mediadas por recursos online. Contudo, em diversas escolas públicas brasileiras, o acesso à internet ainda é precário ou limitado, o que desafia os professores a buscarem alternativas pedagógicas que garantam o protagonismo estudantil sem depender da conectividade. Além das limitações de acesso à internet, é importante destacar que muitos professores também enfrentam **dificuldades no uso das tecnologias digitais**, seja pela falta de formação específica ou pela escassez de recursos disponíveis nas escolas. Apesar disso, observa-se entre esses educadores **um esforço constante em tornar as aulas mais atrativas e significativas**, buscando promover práticas que despertem o interesse dos alunos e os coloquem como protagonistas do processo de aprendizagem. Essa postura evidencia que o compromisso pedagógico e o desejo de inovar não dependem exclusivamente da tecnologia, mas da intenção educativa e da valorização do estudante como centro do ensino.

O presente trabalho tem como objetivo discutir o uso de metodologias ativas que independem do uso da internet, apresentando práticas que favorecem a autonomia, o pensamento crítico e o engajamento dos alunos em ambientes educacionais com infraestrutura tecnológica restrita ou em aulas em que o professor opte por não usar tais recursos. As observações foram realizadas em duas instituições de ensino do município de Iporá (GO): o Colégio Estadual Elias de Araújo Rocha, escola regular que atende estudantes do Ensino Fundamental - Anos Finais e Ensino Médio; e o CEPI Osório Raimundo de Lima, escola de tempo integral voltada ao Ensino Médio. Em ambas, verificou-se que a internet é instável e apresenta desafios para o acesso de professores e alunos, o que reforça a relevância de propor metodologias ativas que possam ser aplicadas

para além da internet.

Autores como Moran (2018), Bacich e Moran (2018) ressaltam que as metodologias ativas se fundamentam na participação efetiva do estudante, que assume papel central na construção do próprio conhecimento. Assim, a presença de tecnologias digitais é um recurso potencializador, mas não indispensável. A essência das metodologias ativas está na problematização, na colaboração e na aprendizagem significativa.

Desse modo, este estudo busca evidenciar que práticas pedagógicas inovadoras e envolventes podem ser implementadas mesmo em contextos de acesso tecnológico limitado, reafirmando que o mais importante não é o uso da internet, mas a forma como o professor organiza as experiências de aprendizagem.

METODOLOGIA DE PESQUISA OU MATERIAL E MÉTODO

A pesquisa possui natureza qualitativa e exploratória, fundamentada em referenciais teóricos sobre metodologias ativas e ensino participativo. O estudo foi desenvolvido nas duas escolas públicas mencionadas, onde o acesso à internet é restrito e a infraestrutura tecnológica ainda é limitada e as professoras viram a necessidade de dinamizar suas aulas sem, necessariamente usar as TDIC.

Os procedimentos metodológicos envolveram a execução e análise de práticas pedagógicas analógicas - em contextos sem internet - com foco na Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL), buscando identificar sua potencialidade para estimular o protagonismo discente e a aprendizagem colaborativa. O estudo apoiou-se ainda em referenciais bibliográficos de autores como Dewey (1979), Freire (1996) e outros, que abordam a aprendizagem a partir da experiência, da ação e da reflexão crítica.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os problemas que envolvem a educação, bem como o desinteresse dos estudantes no modelo tradicional de ensino tem sido largamente evidenciado por diversos estudos. Na era digital, esse modelo de ensino torna-se ainda mais obsoleto e precisa ser enfrentado por quem vivencia o ‘chão da escola’, os professores. Diante desse desafio, entendemos que algumas práticas como a Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL); a gamificação e o estudo de casos são estratégias didáticas que promovem a argumentação, o diálogo, o pensamento crítico e o engajamento dos estudantes.

Focaremos na PBL, uma estratégia que surgiu no Canadá, no século XX, e desde então tem ganhado espaço mundo afora.

Trata-se de uma estratégia educacional para a aquisição de conhecimentos, habilidades e atitudes, na qual a experiência de ensino se dá em pequenos grupos, o estudo individual é priorizado e o docente desempenha um papel de facilitador e tutor. O processo de aprendizado (o caminho do conhecimento), mais do que o conteúdo (conhecimento) é valorizado. A fonte básica de aprendizado no PBL é a exposição à situações e problemas semelhantes às experiências reais da futura prática profissional (Santos, 1994, p. 121).

Em nossa realidade educacional, o Colégio Estadual Elias de Araújo Rocha, a PBL tem sido usada na disciplina de História com os estudantes do Ensino Fundamental, Anos Finais e Ensino Médio para promover aprendizagem significativa de história sem usar as TDIC.

A atividade a seguir foi desenvolvida com estudantes do 6º Ano do Ensino Fundamental para abordar o conteúdo relacionado a História da América, mais especificamente o povo Inca. A proposta consistiu em uma situação-problema intitulada “Missão Inca: Como organizar um império nas montanhas?”, desenvolvida a partir dos princípios da Aprendizagem Baseada em Problemas (PBL).

Nessa atividade, os estudantes foram convidados a assumir o papel de conselheiros do imperador inca, recebendo o desafio de ajudá-lo a melhorar a comunicação, a produção de alimentos e a administração do império, localizado em uma região montanhosa - a Cordilheira dos Andes. O trabalho foi conduzido por meio de discussões em grupo, pesquisas em materiais didáticos disponíveis e registros escritos, estimulando a construção coletiva de soluções.

Como apoio à resolução do desafio, foram apresentadas questões norteadoras:

- Como os incas conseguiram cultivar alimentos em áreas montanhosas?
- Como eles se comunicavam e transportavam produtos no império?
- O que era o quipu? Como funcionava?
- Como o império era administrado?

A partir dessas questões, os alunos organizaram suas respostas e propuseram estratégias para superar as dificuldades enfrentadas pelo imperador, elaborando registros escritos em formato de relatórios de conselheiros. Essa dinâmica permitiu que os estudantes aplicassem os conhecimentos históricos de forma criativa e contextualizada, desenvolvendo habilidades de análise, argumentação e resolução de problemas.

A atividade evidenciou o potencial das metodologias ativas sem uso de internet,

mostrando que, mesmo com recursos simples, é possível promover **aulas investigativas, colaborativas e centradas no aluno**, nas quais o professor atua como mediador do processo de aprendizagem.

As observações revelaram que os estudantes se mostraram mais engajados quando participam desse tipo de atividades que os colocava como agentes ativos no processo de aprendizagem. Conforme defendem Freire (1996) e Moran (2018), a transformação do ensino ocorre quando o educador atua como mediador, estimulando a curiosidade e o pensamento crítico. Assim, as metodologias ativas analógicas se mostraram eficazes para o desenvolvimento de competências cognitivas e socioemocionais, especialmente em ambientes com limitações tecnológicas.

Os resultados indicam que, mesmo em contextos de conectividade limitada, é possível implementar metodologias ativas de maneira significativa e transformadora. A ausência de recursos digitais não impediu o desenvolvimento de aulas dinâmicas, participativas e centradas no aluno, desde que o planejamento pedagógico fosse intencional e reflexivo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclui-se que as metodologias ativas podem ser implementadas com sucesso mesmo em escolas onde o acesso à internet é limitado, como observado no Colégio Estadual Elias de Araújo Rocha e no CEPI Osório Raimundo de Lima. O essencial é promover situações de aprendizagem que envolvam o estudante como sujeito ativo, valorizando a investigação, o diálogo e a cooperação.

Práticas como a Aprendizagem Baseada em Problemas, gamificação, estudos de caso e jogos pedagógicos demonstram que a inovação educacional não depende exclusivamente de ferramentas digitais, mas da intencionalidade pedagógica e da mediação docente.

Portanto, ensinar para além da internet é reafirmar o compromisso com uma educação inclusiva, criativa e transformadora, que reconhece a realidade das escolas públicas e valoriza o protagonismo dos estudantes como caminho para uma aprendizagem significativa.

REFERÊNCIAS

BACICH, Lilian; MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma Educação Inovadora**: uma abordagem teórico-prática. Porto Alegre: Penso, 2018.

DEWEY, John. **Democracia e Educação**. São Paulo: Nacional, 1979.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MORAN, José. **Metodologias Ativas para uma aprendizagem profunda**. São Paulo. Disponível em:
https://moran.eca.usp.br/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em: 24. Out. 25.

SANTOS, Silvia Reis dos. O Aprendizado Baseado em Problemas (Problemas-Based Learning-PBL). **R. Bras. Educ. Méd.**, Rio de Janeiro, 18(3) 097-132, set.dez. 1994. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbem/a/CMdmWZgGQYY5TNSnpjDyM8F/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 24. Out.25.